



CORPO DE DELITO

Magno

São acontecimentos como este que contribuem para a minha perplexidade perante as teorias acerca das barreiras à imigração.



Rui Patrício

Começando pelo princípio, que é quase sempre por onde se deve começar: a crónica de hoje era para ser outra e principiava dizendo que “seguia no comboio, não rumo à Estação Finlândia, mas, mal comparado, o destino também era importante ...”, mas houve uma ocorrência que gerou este texto e lá ficou o “no comboio” à espera de melhor sorte. Seguia eu de automóvel, com pressa, para uma diligência judiciária, com dois colegas, autoestrada fora. Às tantas, um pneu esvazia, pregos (!), sem apelo nem agravo, e nada de pneu sobressalente, como é timbre na “pós-modernidade automóvel” – na qual o que sobra em luzinhas e funcionalidades falta em coisas elementares e práticas. Assistência em viagem, telefonemas, mensagens gravadas, prima isto ou aquilo, aguarde, música, vozes de enfado, uma pitada de estupidez, ineficiência, algum desleixo e, sobretudo, insensibilidade ao problema do segurado, que só quer resolver a coisa rapidamente e ver as coisas a andar, com senso e lógica. Às tantas, uma menina aborrecida e sobranceira (talvez num dia menos bom, talvez com um mau toque “*millennial*” – desculpem, ando a ler Branco), do alto do seu *call center* e perante a minha (atrevida, claro) afirmação de que aquilo não tinha lógica nenhuma, respondeu-me, mais ou menos como uma das minhas professoras da primária: “Aqui não interessa o que tem lógica, mas o que está regulado e previsto”. Sim senhora, minha querida (“minha querida” não se pode dizer, é sexista e politicamente incorreto, eu sei), estamos entendidos.

Mas vamos ao Magno do título. E quem é ele? É o homem do reboque, que a assistência em viagem me enviou. Por sinal, mas talvez não por acaso (embora eu não queira fazer generalizações e lhes tenha horror), o Magno foi o meu único interlocutor neste episódio que não era português, era imigrante, por acaso brasileiro, de Minas Gerais (disse-me ele,

perguntei eu). E, por sinal, e não talvez por acaso, foi o único que mostrou alguma real vontade de ajudar e de fazer o melhor possível, mesmo indo para além do que tinha de fazer e lhe era exigido. Foi o único que mostrou ser sensível e perceber realmente o problema do segurado que se vê com pregos nos pneus e tem um compromisso importante e inadiável. Um homem pacato, tranquilo, com ar de pai de família. Um aparente “musiliano sem qualidades”? Mas tentou fazer a diferença, e muito empenhadamente; pensou, fez, tentou, tudo e mais alguma coisa, para ajudar e resolver. Aqui fica o testemunho e o agradecimento.

E são acontecimentos como estes – e já tive ou presenciei vários na vida – que contribuem, entre muitos mais, para a minha perplexidade perante as teorias acerca das barreiras à imigração, à circulação de pessoas e, sobretudo, acerca dessa sinistra engenharia que dá pelo nome de “muros”. Sobre tudo na Europa, um continente anquilosado, velho, acomodado, gordo e enfadado. E não é só, nem talvez principalmente, por razões de humanidade, ou por razões de demografia, ou por lições da História; e tudo isso (isolada ou conjugadamente) já bastaria – embora sem perder de vista que com muita gente “boa” vem também muita gente “má”, que não sou ingénuo, mas também sei que quanto a quem já cá está é igual, e igualmente não ignoro que tem de haver regras e não pode ser de qualquer forma, e tudo isso, etc. Eu sei. Mas também sei que as barreiras em excesso e os muros (e sobretudo a “ideologia da muralha”) são errados, e são estúpidos, e muito também por razões, digamos, “utilitárias”, pois há uma grande diferença entre as vozes enfadadas (e porventura acomodadas), com sotaque de português de Portugal, do *call center* da assistência em viagem, e o sotaque mineiro do Magno (descontando a generalização injusta e perigosa, entenda-se): é que este pareceu-me que precisava e que queria muito “fazer pela vida”, e que sabia bem o que isso é, mesmo. “Fazer pela vida” – bela e significativa expressão. E isso é uma grande diferença, e todo um programa. Caro leitor, o que pregos nos pneus podem levar-nos a pensar... Ponto é que queiramos e possamos pensar. E precisamos tanto, não é?

Escreve quinzenalmente à sexta-feira